

BLOCH (Marc). — *L'Étrange Défaite*. Prefácio de G. Altman. Franc-Tireur ed. Paris. 1946. XIX — 194 pp.

O Prof. Lucien Febvre, no prefácio de *Le Métier d'Historien ou Apologie de l'Histoire*, trabalho póstumo de Marc Bloch, referia-se ao livro acima citado. Interessado em conhecer o testemunho do notável historiador dos *Caractères Originaux de l'Histoire Rurale Française* sobre a estranha derrota de sua pátria em 1940, mandamos buscar o livro indicado pelo Prof. Febvre e aqui resumidamente o anotamos para os leitores da *Revista de História*.

Como diz o Autor, o livro foi composto sob o sentimento de cólera. E, como é natural, padece desse defeito. No entanto, apesar da irritação com que foi escrito, o trabalho de Marc Bloch é — talvez por isso mesmo — digno de interesse. O Autor examina os graves acontecimentos pelos quais passou sua pátria, os erros tremendos cometidos pelos seus compatriotas, a começar desde os mais humildes até os responsáveis pela política e defesa do país. O exame que o ilustre historiador faz dessa *estranha derrota* — talvez menos estranha quando se lê o seu livro — é injusto, principalmente se atendermos aos próprios fatos sobre os quais se baseia a crítica do Autor. Compreende-se o seu sentimento de cólera, a sua irritação, o brio ofendido. Em virtude disso, compreensíveis são também os seus exageros... Mas o Autor, em certa altura do seu trabalho, tão rico de reflexões sobre o *ofício do historiador*, volta, por um momento, à serenidade do cientista, quando lembra as dificuldades da análise que o estudioso de história encontra e que, como ele diz, "para que pudesse ser ainda imperfeita, deveria remontar às ramificações causais, mais longínquas, mais complexas e que, na situação atual das ciências humanas, permanecem ainda bastante obscuras" (p. 145). Discipulo de Henri Pirenne, o Autor interessa-se, porém, pela vida — que é cheia de contradições — e que, nem sempre, se adata facilmente aos esquemas que o espírito constrói... A história seria falsa se não levasse em conta também os sentimentos de cólera, que os fatos humanos, como os narrados pelo Autor, produzem nos homens que os viveram.

No indicar falhas, no descobrir responsabilidades — principalmente naquilo que se refere à defesa do país — e ao concluir, um pouco às pressas, sobre a incapacidade do comando da guerra, revela-se o Autor um pouco, talvez, daquela bem conhecida deformação profissional que costuma caracterizar os professores.

"Guerra mal conduzida — diz o Autor — e pior terminada". Mas ele mesmo indica as deficiências que explicam essa má condução da guerra e o desastre de 1940, como por exemplo, nas interessantes páginas em que examina a situação da aeronáutica francesa e o pedagismo do Estado Maior.

"De todos os esportes praticados pelo exército, diz o Autor, o esporte pedagógico é, com efeito, o que está mais em voga e, desde as teorias que se oferecem aos alunos-cabos até às sábias lições do C.H.E.M. (Centro de Altos Estudos Militares), o exército apresenta a imagem de uma imensa colmeia escolar. Como pertença também à corporação dos fazedores de cursos e não figuro, infelizmente, entre os mais jovens, posso afirmar que é necessário desconfiar um pouco dos velhos pedagogos"... (p. 134).

Tristíssimo depoimento sobre a incúria burocrática é o que nos fornece o Autor, quando nos conta o que se passou quando da retirada de Dunkerque. Citaremos o próprio texto: "Un admirable soir d'été déployait sur la mer ses prestiges. Le ciel d'or pur, le calme miroir des eaux, les fumées, noires et fauves, qui, s'échappant de la raffinerie en flammes, dessinaient, au-dessus de la côte basse, des arabesques si belles qu'on en oubliait la tragique origine; jusqu'au nom de conte hindou, enfin, inscrit à la poupe de notre bateau (*Royal-Dafodil — La Jonquille du Roi*); tout, dans l'atmosphère de ces premières minutes de voyage, semblait conspirer à rendre plus pleine l'égoïste et irrésistible joie d'un soldat échappé à la captivité. Ce fut ensuite, après notre débarque-

ment à Douvres, un trajet de toute la journée, en train, à travers l'Angleterre du sud. Il m'a laissé le souvenir d'une longue torpeur, coupée par un incohérent défilé de sensations et d'images, qui, pareilles aux épisodes d'un rêve, n'affleuraient à la conscience que pour sombrer aussitôt: plaisir de dévorer à belles dents les sandwiches au jambon et au chester que nous tendaient, à travers la portière, des *girls* aux robes multicolores ou des *clergymen* aussi dignes que s'ils avaient distribué la communion; parfum légèrement sucré, des cigarettes, offertes avec la même profusion; acidité des limonades, fadeur du thé, chargé de trop de lait; douceur des gazons, paysages des parcs, flèches de cathédrales, haies et rochers de Devon; hourras des enfants groupés au passage à niveau. Devant tant d'attentions: **Ils sont vraiment bien gentils!**, disaient mes camarades. Vers le soir, nous nous réembarquâmes à Plymouth, pour jeter l'ancre, à l'aube, devant Cherbourg. Là, il fallut rester de longues heures en rade. **Vous comprenez**, disaient les officiers du paquebot, français cette fois, qui nous avaient transportés, **ces messieurs de la Préfecture maritime n'arrivent pas à leur bureau avant 9 heures.** Nous retrouvions, hélas! la France militaire de l'arrière" (pp. 40-41). O inimigo estava a 300 quilômetros, mas os funcionários só chegavam às nove horas..

Longe iríamos, nesta resenha, se quizessemos anotar todas as interessantes observações de Marc Bloch. Retenhamos, principalmente, as reflexões que ele faz, de passagem, sobre problemas de educação e de história, como estas: "todo professor sabe que em pedagogia, o pior perigo é ensinar palavras em lugar de cousas" (p. 133). Ou estas: "A história é, essencialmente, ciência da mudança. Ela nos ensina que dois acontecimentos nunca se produzem de modo semelhante porque as condições nunca podem coincidir exatamente. A história reconhece, na evolução humana, elementos que embora não permanentes, são, no entanto, duráveis. Isto serve, aliás, para mostrar a variedade quase infinita de suas combinações... (...) De uma "civilização para outra, há certas repetições que não se realizam, ponto por ponto, mas nas suas grandes linhas". "As lições da história não afirmam o eterno recomeço. O historiador sabe que entre duas guerras, por exemplo, a estrutura social, as técnicas, a mentalidade sofrem transformações, metamorfoses e que, por isso, elas nunca serão a mesma guerra" (pp. 137/138). "É certo, como ensinava Henri Pirenne, que o "historiador deve andar ligado à vida, ao presente. É mister, porém, não desprezar o passado. O passado não regula inteiramente o presente mas, sem ele, o presente é ininteligível" (p. 172). Foi precisamente por desconhecer esta lição que a política francesa em relação ao Reno, depois de 1918, fundamentou-se numa imagem já ultrapassada da Europa.

As causas em história são sempre complexas, longínquas e, na situação atual das ciências humanas, ainda bastante obscuras... Obscuras e frágeis também são os juízos que se fundamentam na apreciação irritada dos fatos históricos. Daí talvez, — embora perfeitamente compreensível no momento e nas condições em que foi escrito, — a injustiça do libelo de *L'Étrange Défaite* de Marc Bloch. Não esqueçamos, porém, que o historiador pagou com a vida a parte de responsabilidade de erros de que, talvez, houvesse compartilhado na sua própria carreira... Não esqueçamos também que, no último parágrafo do seu livro, há uma terrível confissão: "Eu pertenço, diz Marc Bloch, a uma geração que possui má consciência"...

CRUZ COSTA. v

---

VARILLON (Pierre). — *Mers-El-Kébir*. Paris. Amiot-Dumont ed., 1949. 230 pp. Várias fotografias e documentos inéditos.

O livro de Pierre Varillon é a narrativa dos acontecimentos que levaram as esquadras inglesa e francesa a se defrontarem, no Mediterrâneo, logo depois

do armistício entre a França e a Alemanha, em 1940. O livro não parece isento de certo partidarismo e, talvez, dos melhores... No entanto, é uma contribuição razoável para o conhecimento da política naval — principalmente da Inglaterra — na última guerra.

CRUZ COSTA.

---

ABSHAGEN (Karl Heinz). — *Le Dossier Canaris*. Tradução francesa de Jean-Luc Belalnger. Paris. Chavane. 1949. 281 pp.

O livro de Karl Heinz Abshagen estuda a curiosa e discutida figura do almirante Wilhem Canaris, chefe do serviço secreto (*Abwehr*) do exército alemão, na última guerra. O almirante Canaris, cuja biografia é cheia de lances interessantes, tomou parte no "complot" de 20 de julho de 1944; e, por isso, acabou na forca. O trabalho do Autor, assim como os livros de Ulrich von Hassel (*Uma outra Alemanha*), de Givessius (*Até o amargo fim*) e outros que têm aparecido recentemente, — é mais um interessante testemunho sobre o movimento de resistência anti-hitleriano e sobre a situação da Alemanha nos últimos anos do nazismo. O livro, que é rico de informações, merece a atenção daqueles que se interessam pela história política européia dos últimos anos do segundo quartel deste século.

CRUZ COSTA.

---

GILBERT (G. M.). — *Le Journal de Nuremberg*. Tradução francesa M. Vincent. Paris. Flammarion. 1948. 444 pp.

Este livro é a tradução francesa do *Nuremberg Diary*, escrito pelo psicólogo que acompanhou o discutido processo de Nuremberg. O A. relata os testemunhos e as conversas de alguns dos chefes do nacional-socialismo, como Goering, Frank, Rosenberg, von Schirach, Ribbentrop e outros, assim como dos chefes militares alemães da última guerra, tais como Keitel, Jodl, Doenitz, Reader, Rundstedt, — e o faz sempre com simplicidade, algumas vezes até, talvez, com ingenuidade. O trabalho do A. é de grande interesse para o historiador dos tristes acontecimentos do nosso tempo e, além disso, é documento tristemente revelador da trágica situação da Alemanha sob o domínio nazista. "Nos séculos vindouros — dizia o próprio Frank, "jurista" de Hitler e que, mais tarde, foi seu terrível delegado na Polónia — os homens hão de perguntar como foram possíveis tais cousas! Crime é palavra doce demais para o que aconteceu na Alemanha. O que aconteceu foi alguma coisa que ultrapassa toda e qualquer imaginação. Foi a industrialização do assassinato" (p. 390). Extraímos da acusação de Sir Hartley Shawcross estes significativos trechos: "Sem gritos, sem prantos, eles despiram-se. Reuniram-se por grupos de famílias, abraçaram-se e despediram-se, para esperar um sinal de um outro SS que estava ao lado da fossa, armado também de chicote. Durante os 15 minutos que estive ao lado deles, não ouvi nem uma queixa, nem um apêlo de piedade. Observava uma família de 8 pessoas, um homem e uma mulher de cerca de 50 anos, com os seus filhos de 8 e 10 anos de idade. Uma velha tinha nos braços uma criança de um ano e cantava-lhe uma canção. A criança ria de contentamento. O pai, segurava pela mão um menino de mais ou menos dez anos e falava-lhe docemente; o rapaz procurava não chorar. O pai mostrava-lhe o céu e acariciava-lhe os cabelos, parecendo explicar-lhe alguma coisa"..... "Encontrei-me diante de uma enorme fossa. Aquela gente ali se comprimia e embora deitados todos uns sobre os outros, podia-se ainda ver as suas cabeças. Estavam quase todos ensangüentados. Algumas das